

ÁFRICAS E DIÁSPORAS NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL CONTEMPORÂNEA: OUTRAS VEREDAS, NOVAS TESSITURAS?

Maria Anória de Jesus Oliveira¹

A literatura infanto-juvenil, em sua trajetória histórica, não ficou alheia aos fatores sociais e os expressou ao entrelaçar as linguagens verbais e a não verbais. Assim sendo, as ilustrações, os seres ficcionais (narradores e personagens, no caso), deixaram (e deixam) fendas que nos levam a imaginar determinados espaços sociais e quem os habita. Se partirmos dos *feixes de ação*, à luz dos princípios de Vladimir Propp (1984), identificaremos o predomínio de *caracteres* eurocêntricos inclusive nos dias atuais. A questão que se insurge é: até onde persiste a inovação em tais produções? Para responder a essa questão realizamos a pesquisa bibliográfica e recorreremos à crítica, à teoria da literatura e às contribuições das Ciências Sociais para respaldar o estudo. Esperamos, portanto, abrir veredas para o leitor adentrar no campo literário, a fim de ampliar seu olhar face ao mesmo.

Palavras-chave: literatura infanto-juvenil, narrativas, personagens negros.

1. INTRODUÇÃO

A literatura infanto-juvenil, em sua trajetória histórica, não ficou alheia aos fatores sociais e os expressou ao entrelaçar as linguagens verbais e não verbais. Assim sendo, as ilustrações, os seres ficcionais (narradores e personagens, no caso), deixam fendas que nos levam a imaginar determinados espaços sociais e quem os habita. Se partirmos dos *feixes de ação*, à luz dos princípios de Vladimir Propp (1984), identificaremos o predomínio de *caracteres* eurocêntricos.

A partir da obrigatoriedade de trabalharmos com a história e cultura afro-brasileira e africana em todas as áreas na Educação Básica (Lei 10.639/03) em todas as áreas, principalmente em História, Literatura e Educação Artística, notamos temáticas, outrora silenciadas no mercado editorial, passaram a ter maior visibilidade, tornando-se um filão fértil à comercialização. Tanto é que, nos dias atuais, é possível identificar uma quantidade significativa de livros que apresentam personagens negros em papéis de protagonistas,

¹ Prof. Adjunto da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), do Mestrado em Crítica Cultural e da Graduação em Letras. Pesquisadora de relações etnicorraciais.

realçando-se seus traços desde as capas dos livros. Insurgem-se, também, as diásporas e espaços sociais africanos diversificados, sobretudo, em tempos remotos, no Brasil. Em tais universos ressoam vozes da resistência por meio dos mitos dos Orixás destinados às crianças e jovens. Desvelam-se, então, seus dilemas, desejos, conquistas e embates sociais. Interessa-nos, desse modo, estudá-los, a fim de identificar indícios inovadores no tocante à história e cultura afro-brasileira e africana. Para tanto, realizamos a pesquisa bibliográfica e recorreremos à crítica, à teoria da literatura e às contribuições das Ciências Sociais para respaldar o estudo.

Iremos, portanto, através do presente diálogo, versar sobre a Literatura infanto-juvenil tomando por base duas narrativas, a saber: *Ogum, o rei de muitas faces e outras histórias de orixás*, de Chaib e Rodrigues (2000) e *Omó Oba: história de princesas*, de Kiusam de Oliveira (2009), com vistas a identificar até as mesmas inovam o cenário literário, no tocante às relações etnicorraciais.

2. VERDAS TEÓRICAS

Para Lins (1976, p. 77), o “estudo de determinada personagem estará sempre incompleto se também não for investigada a sua *caracterização*”, ou seja, “os meios, os processos, a técnica empregada pelo ficcionista” para a sua organização verbal. Sendo estes configurados como o “objeto em si”, a “caracterização” resulta da “execução” no espaço narrado, dando a “noção de um determinado ambiente”.

No que se refere à *narrativa*, Lins a entende como um “objeto compacto e inextricável”, cujos “fios se enlaçam entre si e cada um reflete inúmeros outros”. Então, pondera que embora possamos “isolar artificialmente um dos seus aspectos e estudá-lo”, faz-se necessário considerarmos o “espaço” e o “tempo”. O referido estudioso estabelece a diferença entre estes elementos no romance (ficção) e no mundo (realidade), salientando que, em se tratando da obra ficcional, “Vemo-nos ante um espaço ou um tempo inventados, ficcionais, reflexos criados do mundo e que não raro subvertem – ou enriquecem, ou fazem explodir - nossa visão das coisas”².

As asserções de Lins, notamos, abrangem a relação entre os seres ficcionais e os demais elementos da narrativa. Dentre estes destacamos os *espaços*, singularizados por *ambientes* diversos, seja a residência, o quarto, o trabalho, etc. Recriam-se, assim, o

² Lins (1976, p. 64) refere-se às obras cujo tempo não é cronológico.

universo que nos cerca e, mais, nos projetam a outros desconhecidos. Eis o poder de, através da palavra verbal e não verbal, subverter, endossar, enfim, romper e/ou ressignificar o *status quo* cristalizado no imaginário social. Partindo desse prisma, consideramos de extrema relevância atentarmos à composição da narrativa, sem perder de vista, também, os *traços característicos* dos personagens.

Tais traços no trançado literário podem sugerir (re)leituras do presente, do passado, além de lançar projeções futuras. Nessa linha de pensamento, entrevemos a ideia de *representação* já aludida por Coelho (2003). Em um viés correlato, embora trazendo dados mais precisos sobre as personagens, Khéde (1990, p. 6) argumenta que tais seres “[...] como elementos ativos dentro da narrativa, representam valores através dos quais a sociedade se constitui”.

Uma vez elucidando a noção de *espaço* nos voltemos, por hora, ao termo *adultocêntrico* o qual, nas palavras de Regina Zilberman (1982), pauta-se no ponto de vista dos adultos, uma vez que as obras a serem selecionadas, indicadas, produzidas e trabalhadas no espaços escolar passam, a princípio, pelo crivo de pais e professores, dependendo do olhar que lançam sobre tais produções. No entanto, sabemos: “Quem olha, também olha de algum lugar. Sua prática não é só a de espiar ou vigiar mas a de refletir, considerar, julgar” (LEITE, 2008, p. 85).

O *olhar* lançados sobre as produções destinadas às crianças e jovens tem sido permeadas de um ponto de vista, sobretudo, preconceituosos no tocante às relações etnicorraciais. Eis o que constatamos através de estudiosos da área. Mudanças significativas só ocorreram recentemente, entre os anos 90 à atualidade conforme observado por Oliveira (2003; 2010), Souza (2005) e Jovino (2006), no Brasil.

Vale explicitar que não remeteremos aos personagens através dos substantivos, conforme o faz Propp, por isso ampliamos as *funções* por ele estudadas através de Bourneuf e Ouellet (1976), até porque não estamos, aqui, partindo de *contos maravilhosos*, do mundo das fadas, bruxas, e demais seres. Nosso objeto de estudo traz à cena personagens contemporâneos e, diferentemente de Propp, nos interessam mais seus *atributos*, aqui aludidos como *caracteres*, em uma leitura análoga à do folclorista. Sendo assim, pensar sob o prisma de Propp implicaria um trabalho meramente estruturalista e esse evidenciamos, antes, não é nosso foco do texto literário. Se assim fosse, estaríamos norteados na leitura meramente imanente, intrínseca, e aqui a extrapolamos, partimos das *relações internas e externas* do texto literário (KHÉDE, 1990).

3. ÁFRICAS E DIÁSPORAS: NA LITERATURA INFANTO JUVENIL

Ogum, o rei de muitas faces, de Chaib e Rodrigues (2000), é um livro infanto-juvenil constituído de pequenas narrativas que trazem não só a história de Ogum, como também *de outros Orixás* em suas aventuras e desventuras no espaço social africano. Alguns são destacados na função de protagonista, a exemplo do *rei de muitas faces*, Exu, Oxóssi, Iemanjá, Oxalá, Xangô, Iansã, Obá e Obaluaê, entre os demais papéis cruciais para o *desfecho* da trama. Dentre estes, destacamos Odudua, Oxumarê, Ossain e Nanã, oriundos do panteão religioso cujas matrizes são africanas.

As narrativas expressam o cotidiano familiar, os reinados, súditos, respectivos reis, apresentando-se o poder, a proteção, as fúrias, as lutas; também as disputas e receios, a gênese do mundo desde o “início de tudo, no *Orum*, o espaço infinito”, quando só existia “*Olorum*, o Deus Supremo” (p. 8), até a sua povoação.

Em um primeiro momento se narra *A criação do mundo e dos homens* (p. 8-10), no *Orum* (o Universo), depois a separação entre este e o *Aiyê*, (a Terra), e os seres que o constituíram, os Orixás, em suas simbologias, associadas aos quatro elementos da natureza: a água, a terra, o fogo e o ar.

Chaib e Rodrigues (2000) adentram as cosmogonias complexas das religiosidades de matrizes africanas, ao se referirem aos orixás, cuja incumbência foi “criar a terra” e os seres que nela habitam, conforme consta da narrativa: *Ogum, o rei de muitas faces*.

Reis (2000, p. 57), esclarece que “existem duas categorias de poderes divinos evocados entre os iourubá: um é o ancestral propriamente dito”, o *Egúngún*; o “outro é o ancestral divinizado”, os Orixás. O primeiro reside no mundo dos mortos, e conhece “os seus mistérios” e estes

[...] foram em vida seres excepcionais, que detinham um poderoso axé e não morriam simplesmente, fazendo [...] uma passagem da condição mortal de seres humanos para a condição imortal de orixá, que se dá num momento de grande emoção, paixão, cólera ou desespero, na qual a sua parte material desaparece restando apenas o axé em estado de energia pura (REIS, cit, p. 58)

O *axé* é a “força pura e vital do orixá, ou o próprio deus”, que detém o poder de retornar “à Terra” incorporado em um dos filhos escolhidos, “para saudar seus descendentes e receber as devidas homenagens” (op. cit. p. 58) nos *xirês*; ou seja, nas festas realizadas nos Terreiros de Candomblé a eles dedicadas. Daí o rito sagrado para recebê-los com todas as honrarias e respeito, antes, durante e após os *xirês*.

Os orixás, seja antes ou depois de se divinizarem, aparecem nas narrativas com alguns dos seus *caracteres* mais destacados e apontam apenas para a fase antecessora ao ritual, a saber, as histórias de vida, relações familiares, sociais, as transformações por qual passaram ainda no berço da África, em tempos remotos, e não aos rituais sagrados propriamente, de modo a percebermos as principais simbologias deles como força vital, que se torna presente no mundo dos humanos, através dos *filhos e filhas de Santo*.

Em cada mito são destacadas as funções primordiais dos orixás, em um “mundo criado e recriado em vários aspectos”, assim como os habitantes, tecendo-se seus dramas, desejos, lutas, conquistas, disputas, realizações através das entrelaçadas mas, também, independentes histórias, sugerindo-se leituras diversificadas que transcendem o tendencioso maniqueísmo.

Os personagens não simbolizam meramente o bem ou o mal; alguns deles são susceptíveis às falhas, falseiam, guerreiam, promovem o bem social, produzem alimentos, a exemplo dos peixes e da água; descobrem o fogo, o calor, caçam e lideram em seus reinados ou nas profundezas da natureza. Amam, lutam entre si se desafiados, sentem ciúmes, provocam, zelam, seduzem e anseiam o amor. São seres que desvendam um pouco de nós e tornam-se divindades, por fim. A agilidade, astúcia, força e coragem são as virtudes que os fazem vencedores frente às batalhas vivenciadas.

A noção de família, complementa Reis (op. cit. p. 58), é fundamental para se compreender o universo dos orixás, a força que engendram e o vínculo que estabelecem “com as águas de rios e mar, com as terras da floresta, com as rochas, com o fogo do interior da terra, os trovões, as tempestades, a atmosfera, etc”.

Essa relação gerou a definição dos deuses africanos como as forças vivas da natureza que encontrou eco no Brasil permitindo a qualquer pessoa, independente de sua origem, identificar-se com o orixá, pois as divindades africanas também fornecem arquétipos (REIS, cit, p. 58).

Dentre o mosaico fundante dos orixás, há olhares díspares em relação aos mitos em sua ampla cosmogonia. Nesse leque, às vezes divergente, há aproximações quanto aos *caracteres* das divindades. As narrativas que constam do livro *Ogum, o rei de muitas faces e outras histórias dos orixás*, de Chaib e Rodrigues (2000)³, trazem à tona alguns traços predominantes dos protagonistas anunciados logo na capa do livro, situados dentro do continente africano, seja na floresta, seja nas zonas urbanas.

³ Todas as páginas citadas correspondem ao livro *Ogum, o rei de muitas faces e outras histórias dos orixás*, de Chaib e Rodrigues (2000).

As histórias destacam os orixás em papéis de liderança, situados em espaços sociais do continente africano. Em outras não há tal especificação, muito embora não só o desenrolar da narrativa como os protagonistas evidenciem se tratar do mesmo espaço social, onde há farturas, riquezas, reinados e palácios.

A alusão à riqueza e fartura pode ser percebida no momento em que se destaca: 1) o “cultivo” de plantações” no conto *Quem tem razão?* Cujas personagem principal é Exu; 2) Também no “grande reino na África”, em *A criação do mundo e dos homens*; 3) o “palácio, da densa floresta de Ketu, na África”, em *O rei da floresta*; 4) na “cidade de Ifé, capital do reino iorubá”, em *Ogum, o rei de muitas faces*; 5) No “grande reino na África, onde existiu fartura de água, de alimentos” (*Oxalá, Xangô e Exu*); 6) Na “região do rio Níger”, reinado por Iansã (*A rainha dos raios*).

No que se refere aos orixás, são associados às forças da natureza, ao poder de criação, transformação do ambiente em que vivem e, inclusive, dos demais seres do convívio. Assim se destaca o papel de *Olorum*, o Deus Supremo, que criou *Odudua* (*Oxalá*) “e depois mais de cento e cinquenta e dois orixás *funfun*” (CHAIB E RODRIGUES, 2000, p. 8).

4. NEGRAS PRINCESAS: NOVAS TRAVESSIAS: OMO-ObA: HISTÓRIAS DE PRINCESAS (OLIVEIRA, 2009)

O livro “Omo-Oba: histórias de princesas”, de Kiusam de Oliveira (2009) é constituída de sete contos. Neste, salienta a autora ainda na apresentação: se mostram “como as princesas se tornaram, mais tarde, rainhas”. E, prossegue “Essas histórias vêm de fontes tradicionais conhecidas, contadas e recontadas pelo povo africano (iourubano) e afro-brasileiro, nas quais uma mulher chamada oduduwá criou o planeta terra e, se uma mulher teve esta capacidade, o poder está com ela”. E é o que se segue nas **sete** narrativas, cujas princesas negras se desvelam e sugerem novas veredas para o leitor se ver e vislumbrar outros ares. Elas expressam alguns arquétipos dos Orixás e seduzem com beleza, criatividade, audácia e genialidade. Seus fenótipos são salientados, os cabelos, a cor da tez e os enfeites que as fazem ainda mais belas, alguns traços das raízes africanas.

A *menina Oiá* é uma linda princesa, cujos atributos são: a beleza, a graça, a rapidez, a determinação e a genialidade” (cit. p. 9). É ela a amiga inseparável de Ogum que tinha várias ferramentas e pensava ao vê-la: “Como a princesinha é linda!”, e suspirava

admirando, a espreitando. E, ao ser interpelada pelo amigo que descobre seu segredo, ela lhe responde:

– Toda menina, toda mocinha e toda mulher tem dentro de si a força e o poder de um animal selvagem sagrado que, em certos momentos, devem ser colocados para fora, devem explodir para o universo com a mensagem de que fazemos parte de tudo isto. Quando colocamos essa força para fora, muitos meninos e meninas, mocinhos e mocinhas, homens e mulheres não compreendem e, por isso, devemos mantê-la em segredo (OLIVEIRA, 2009, p. 15).

As ilustrações, embora com um preto grotesco, não são para ressaltar estereotípias dos traços da menina Oiá. Mesmo assim, consideramos que melhor seriam ilustrações cuja cor fosse menos forte, para serem associadas à negra tez, favorecendo a empatia com o leitor. Por outro lado, reconhecemos que os traços delicados de cada imagem endossados através da linguagem verbal abrem fendas para a identificação. Assim, tanto as meninas quanto as mocinhas, com seus cabelos crespos, tais quais os seres ficcionais, tenderão a se sentir lindas, admiradas, “empoderadas” e exaltadas pelos atributos físicos e psicológicos sendo que, por fim, Ogum, seu fiel confidente lhe diz: “*Eu a saúdo. Eparrê, Oiá!*”

Dessa porta aberta por Oiá e Ogum, os primeiros protagonistas, encontramos *Oxum e seu mistério*, ilustrada ao centro, em uma página iluminada pela cor amarela, simbolizando o ouro, a riqueza, a sua exuberância, seus principais arquétipos (REIS, 2000). Afinal, relata o narrador: “Oxum era muito linda e perfumada e todos os meninos e meninas desejavam ficar perto dela” (OLIVEIRA, 2009, p. 17).

Um dos problemas da nossa literatura infanto-juvenil no tocante ao preconceito racial foi a associação do negro à sujeira, conforme identificado nos anos 80 (OLIVEIRA, 2003). Em consequência, sofriam os males da solidão e desprezo. Isso também foi e continua sendo recorrente em muitos espaços escolares, conforme constatado por estudiosas da área, a exemplo de Ana Célia da Silva (2001).

Em se tratando do conto *Oxum e seu mistério*, o leitor poderá ampliar o olhar face a essa complexa personagem, posto que o narrador realça a beleza da Oxum menina que é vaidosa, atrevida, determinada e guerreira, entre outros atributos favoráveis a sua afirmação identitária. Logo, descreve: Oxum “preferia cuidar de sua beleza: das unhas, de seus cabelos, de sua pele e das joias que só ela possuía” (p. 17). Além disso, a menina Oxum “tinha conhecimentos que ninguém mais tinha: ela conseguia hipnotizar com a sua beleza quem ela quisesse (p. 17). Então, seguia encantando “a todos com a sua beleza e o seu perfume”. Essa menina era “só brilho”, ressalta o narrador. Aqui, é possível observar

que a negra tez se associa à luz, ao brilho e não às trevas, ao que é tenebroso, assustador e negativo (ROSEMBERG, 1985). Há, assim, uma inversão face à estereotipia⁴ anteriormente reiterada na literatura, a exemplo de muitas obras dos anos 80, como evidencia Jovino (2006).

Por fim, há *Ajê Xalugá*, a irmã caçula de Iemanjá, entre outros Orixás infantis. Salienta-se a sua beleza. Tanto é que “todos os peixinhos do oceano eram apaixonados por ela”. Seus atributos são “a beleza, a vaidade, a impetuosidade, a curiosidade, o empoderamento, o orgulho, a determinação e a coragem” (p. 30). Fica, portanto, o convite a mergulhar nesse mar de emoções, desafios e dilemas existenciais em cada conto, no qual podemos aumentar outros pontos e romper com os ranços racistas, adultocêntricos e eurocêntricos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, através dos dois livros: *Ogum, o rei de muitas faces e outras histórias e Orixás (de Chaib e Rodrigues, 2000)* e *Omo-Oba: histórias de princesas*”, de Kiusam de Oliveira (2009) se inova o cenário literário atual ao abrir novas travessias para o leitor enveredar.

Observamos que, em cada uma dessas narrativas se insurgem protagonistas negros, meninos e meninas, ativos, altivos, destemidos e determinados. Eles não são *objeto de discurso* mas, sim, *sujeitos de discurso* pelo papel de agir e fazer valer seus desejos (PROENÇA-FILHO, 1997). Não são, também, idealizados e vivenciam relações afetivas sem deixar de ser, em alguns momentos, conflituosas.

Os *caracteres* de Oxum, reiteramos, é o atrevimento, o cheiro inebriante, além da beleza realçada quando solta “seus lindos cabelos negros e crespos”. (OLIVEIRA, 2009, p.20) Logo, difere das princesas loiras, europeias, tais quais as dos contos de fadas que povoaram e povoam nosso imaginário. Assim, abrir-se-á outras possibilidades para vislumbrar *espaços* sociais africanos e, nele, alguns seres ficcionais. Assim, se insurgirão negras princesas, delicadamente descritas e ilustradas. Oxum é apenas uma delas, além de *Olocum e o segredo do fundo do oceano*, por meio da qual poder-se-á sentir os dilemas e

⁴ Estereótipo é compreendido como uma ideia generalizada e cristalizada em relação a um grupo, a partir de preconceitos, um deles é o etnicorracial, conforme abordado por Piza (1998), Brookshaw (1983), citando aqui apenas estudiosos cujas pesquisas centram-se na literatura.

desejos dessa “linda princesa, porém, misteriosa e triste”, cujos *caracteres* era a “introspecção, a contemplação, a timidez e a quietude” (OLIVEIRA, 2009, p. 30).

Levando em conta que os espaços sociais africanos nas duas narrativas: *Omo Obá: histórias de princesas e Ogum: o rei de muitas faces e outras histórias de Orixás* não os reduzem à miserabilidade, às guerras intertribais, à fome, à AIDIS ou o mundo povoado por zebras, girafas e outros animais, retomamos a questão central de nossas instigações iniciais ao compreender que se lança, sim, um novo *olhar* sobre as Áfricas e às diásporas na literatura infanto-juvenil contemporânea abrindo-se, assim, outras veredas e novas tessituras para nós, leitores.

Enfim, vale lembrar que estamos a uma década de obrigatoriedade de se trabalhar a história e cultura afro-brasileira e africana na Educação Básica e carecemos de produções que visem a valorização dos seres ficcionais negros e, por conseguinte, dos espaços nos quais são situados. Eis a proposta central de nossa breve reflexão. O que intentamos aqui, nesse breve diálogo, não foi efetivar uma análise detalhada dos referidos livros, dada a curta extensão do artigo. Assim sendo, procuramos estabelecer um diálogo que se aproxime mais de um convite à leitura dos referidos livros, trazendo à tona alguns dos seus aspectos mais relevantes. Outros mais podem ser identificados, obviamente, dependendo do ponto de vista de quem se deter sobre as narrativas em questão.

REFERENCIAS

BROOKSHAW, David. *Raça & cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

BURNEAUF, Roland e OULLET, Real. *O universo do romance*. Coimbra, 1976.

CHAIB Lúcia e RODRIGUES, Elizabeth. *Ogum: o rei de muitas faces e outras histórias dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COELHO, Nelly. *A literatura infantil: história, teoria, análise*. São Paulo: Ática, 1993.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil, in. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré(Org). *Literatura afro-brasileira*. Salvador, Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.,pp.179-217.

KHÉDE, Sônia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática, 1990.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil no Brasil: história & histórias*. São Paulo: Ática, 2004.

LEITES, Marlene Hernandez. *A questão da raça e da diferença: um olhar sobre outros olhares*. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

OLIVEIRA, Kissuam de. *Omo-Oba: histórias de princesas*. Belo Horizonte: Mazza, 2009.

OLIVEIRA, Maria Anória de J. *Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989*. 2001, Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. *Personagens negros na literatura infanto-juvenil brasileira e moçambicana (2000 – 2007): entrelaçadas vozes tecendo negritudes*. Tese (Doutoramento em Letras). Departamento em Letras, UFPB, João Pessoa, 2010.

PIZA, Edith. *O caminho das águas: estereótipos de personagens negras por escritoras brancas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-arte, 1998.

PROENÇA FILHO, Domício. *A trajetória do negro na Literatura Brasileira*. São Paulo: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1997, pp.159-177.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Tradução Jasna P. Sarhan. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 1984.

REIS, Alcides Manoel dos. *Candomblé: a panela do segredo*. São Paulo: Mandarim, 2000.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura Infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

SILVA, Ana Célia da. *As transformações da representação social do negro no livro didático e seus determinantes*. 2001, Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da UFBA, Salvador, 2001a.

SOUSA, Andréia Lisboa de. A representação da personagem feminina negra na literatura infanto-juvenil brasileira. In. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/03*. Brasília, MEC/SECAD, 2005, pp.105-120.

ZILBERMAN, R. e Magalhães, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982.